

AFRI
869.142
F3834e
1849

157152

Northwestern
University Library
Evanston,
Illinois 60208-2300



1988



ESPONTANEIDADES DA MINHA ALMA.

—
Às
SENHORAS AFRICANAS.



LOANDA.
IMPrensa DO GOVERNO.
—
1849.

Se avaliardes a minha linguagem, como na culta Europa, muitas vezes, as Senhoras avaliam os homens pelo traje, — por sem duvida não encontrareis nas minhas fracas inspirações esse bello e brilhante, que á maneira de prisma, espalha por toda a parte as suas côres vistosas; — mas se d'alma pesardes o que eu tambem d'alma escrevi, — e que ousado só a vós dedico, conheceis, Senhoras, que estes canticos tão pobres, e que de convicção os reconheço despidos de purpuras Reaes — de oiro — e de pedrarias — são cantos do mais intimo

de minha alma, brotados pelo desamor de um fado por algum tempo imigo, que me obrigou, açoitado, a vibra-los longe da patria e dos meus, em pobre e dissonante lyra — tangida em só tres cordas — *Deus, Patria e Amor!*

Fóra, bem fóra estou eu do alcance dos virentes louros da musa mantuana, e de muitas outras que tanto extasiaram o mundo inteiro: — de sobra me bastára a do Cysne do Mondego e do Lima, e já que assim não é, por compensação, tende sobre os vossos corações estes meus debeis cantos, — em-

bora vos soprem de continuo aos ouvidos —
que são do mais mesquinho cantor d'Africa
adusta.

Loanda 1.º de Outubro de 1849.

O AUTHOR.

DEDICAÇÃO

Ao Exm.º Sr. Adrião Accacio da Silveira Pinto.

Madeiro altivo vem cingrando ao longe
Per entre as agoas mansas d'esmeraldas,
Com pavilhão das Quinas Luzitanas,
Que tremulando pelo meigo sópro
De suave brisa, — ufano, — as altas grimpas
D'alcantis primorosos, — saúda altivo!
E a instantes — repetidos échos sóam
Reflectindo nas agoas o estampido

D'alguns canhões que trôam!

E morre pouco e pouco o som nas vagas,
Annuncio lisongeiro, que alto préga
A vinda — a excelsa vinda desejada
Do da Monarca o meritorio Enviado, —
Do digno Regedor d'Africa adusta!

Exulta de Benguella, ó povo, exulta,
Neste dia de dois d'Agosto excelso
Dia p'ra nós gravado no imo d'alma!

Qual, atravez d'insolitos perigos,
Vae de soccorro a um filho — o Pai bondoso,
Tal, entre nós, Accacio da Silveira;
Sem medo á morte, no rigor de um clima,

Por sóes queimado
De peste insana ,
Accode e vóa , melhorando os fados
Da rica terra d'Africa a seu mando !

Com gesto brando , e com olhar bem fito
Aos int'resses da pátria , — qu'em seu peito ,
Com voz d'alma lhe bradam , attento presta
Melhoramentos na Provincia morta ,
Pelo mundo olvidada , e só , e triste ,
Qu'inda mais fôra , se do avaro
A mente ardida , e as mãos sempre peçadas
Do oiro qu'em seu seio arranca astuto ,
Não contivera em bando os que hão brotado !

Mas fadou-nos o Céu tão meiga Estrella ,
Em nós já fulgurando , — e tão serena ,
Que Fados só de amor , e de venturas
Se nos antolham ricos — e prismados !
Saúdemos — *Deos* — o Regedor do Mundo !
Saúdemos na *Monarcha* — a mui cabida , —
A meritoria Escolha ! — Saúdemos !

E um hymno de glória dos Céos emmanado ,
Nascido do peito , sentido em noss'alma ,
Do côro dos Anjos — por elle inspirado
Cantemos a *Accacio* — e teçamos a palma

Virente, e despedida
D'insensos gelados,
Mas só revestida
De odores fadados
De brilho e primor
Na estima, e no amor!

Gloria a ti, que nos reges bondoso
Nestes plainos do ardente torrão,
Onde a esp'rança já morta renasce,
Onde é livre, quem livre é Christão!

Já de sobre estes montes voseia
Essa Lei — qu'escrevestes co'a mão, —
Santa Lei que de rôjo posterga
Os martyrios, e dura oppressão.

Tudo corre, e s'apresta anhelante
Na Cidade, e no campo a bradar, —
« Viva Accacio que n'Africa rege,
Qu'em noss'alma sempre hade reinar! »

Gloria a ti, que nos reges bondoso
Nestes plainos do ardente torrão,
Onde a esp'rança já morta renasce
Arvorando o seu nobre pendão!

A MINHA TERRA.

No album do meu amigo João d'Aboim.

.....
Recevez donc mon hymne, ó mon pays natal,
Et offrez-le de bon cœur à qui sut bien chanter
La riante nature du beau Portugal.

(Do author.)

Minha terra não tem os cristaes
Dessas fontes do só Portugal,
Minha terra não tem salgueiraeas,
Só tem ondas de branco areal.

Em seus campos não brota o jasmim,
Não matiza de flôres seus prados,
Não tem rosas de fino carmim,
Só tem montes de barro escarpados,

Não tem meigo trinar — mavioso
Do fagueiro, gentil rouxinol,
Tem o canto suave, saudoso
Da Benguella no seu arrebol,

Primavera não tem tão brilhante
Como a Europa nos sóe infiltrar,
Não tem brisa lasciva, incessante,
Só tem raios de sol a queimar.

Não tem fructos por Deos offertados,
Qual mimoso torrão portuguez,
Não tem rios por Bardos cantados,
Qual Mondego, nos factos d'Ignez.

Não tem feitos de gloria qu'ao mundo
Orgulhosa se possa ufanar,
Não tem fado, destino jucundo,
E se o tem, quem o ha d'anhelar? —

Tem palmeiras de sombra copada
Onde o Sóba de tribu selvagem,
Em c'ravana de gente cançada,
Adormece sequioso d'aragem.

Impinado alcantil dos desertos
Lá se aninha sedento Leão
Em covis d'espinhaes entr'abertos,
Onde altivo repousa no chão.

Nesses montes percorre afanoso,
A zagaia com força vibrando,
O Africano guerreiro e famoso
A seus pés a panthéa prostrando.

Não tem Virgens com faces de neve
Por quem lanças enriste Donzel,
Tem donzellas de planta mui breve,
Mui airosas, de peito fiel.

Seu amor é qual fonte de prata
Onde mira quem nella s'espelha
A doçura da pomba qu'exalta,
A altivez, que a da fêra simelha.

Suas galas não são affectadas,
Coração todo amor lhe palpita,
Suas juras não são refalsadas,
No perjurio a vingança crepita.

Sabe amar! — Mas não tem a cultura
Desses labios de mago florir;
Em seu rosto se pinta a tristura,
Os seus olhos tem meigo lusir.

Minha terra não tem os cristaes
Dessas fontes do só Portugal;
Minha terra não tem salgueiraes,
Só tem ondas de branco areal.

Não tem Vates por Deos inspirados,
Que descantem um Gama, um Moniz,
Que em seus feitos com loiros ganhados
Deram lustre ao nativo paiz.

Não os tem; porqu'a sorte negou-lho
Do Poeta a divina missao,
Do Poeta, que a patria descanta
Com vangloria, com mago condão.

Se assim fôra — o Vate africano —
Decantára do intimo d'alma
Quem primeiro nos plainos torrados
D'infeis alcançou justa palma.

Decantára esse filho — Soldado —
D'Albarrota do grão vencedor,
Que nos brados de guerra soltados
Só .nostrava denodo e valor.

Decantára um Conde Barcellos,
Um Fernando Senhor de Bragança,
Que aos Mouros filharam Cidades,
Só tomadas á ponta de lança.

Decantára nas guerras de Tunes,
De Granada, Marrocos e Fez,
Das victorias o brado incessante —
Contra mil.— do quinhão portuguez.

Decantára um Affonso Gutterres,
Um Gonçalves, um Nuno Tristão
Que primeiros levaram á pátria
Os captivos do ardente torrão.

Entre estes, tambem decantára
Um Gonçalo de Cintra, que ousado
N'um esteiro nadando morreu
Penetrando Guiné conquistado.

Decantár'os! — Mas que, minha terra
Não tem Vate por Deos inspirado;
Não é pátria do divo Camões
Tão poeta, quão bravo soldado,

Não é pátria dos Vates d'America
Qu'em teus cantos, com maga harmonia,
Na Tijuca em seu cume sentado
Decantaste em tão bella poesia.

Não os tem; porqu'em terra africana
Não ha Cysne em gentil Guanabára,
Mais mimosa, mais bella e mais rica
Do que o oiro do meu Ouangára.

Minha terra não tem arvoredos
Tão frondosos, sombrios e bellos
Como os teus, em Palmella risonha,
Toda envolta em seus verdes cabellos.

Não tem vagas humildes beijando
Os vergeis d'essas serras altivas
Que ora brandas não gemem, suspiram,
Ora rugem — por ventos batidas.

Minha terra não tem o granito
E o verdor do teu Cintra impinado
Que d'amor suas fallas sentidas
Decantaste por elle inspirado.

Nada tem minha terra natal
Qu'extasie e revele primor,
Nada tem, a não ser dos desertos
A soidão que é tão grata ao cantor.

Mesmo assim rude, sem primores d'arte,
Nem da natura os mimos e bellezas,
Qu'em campos mil a mil vicejam sempre,

É minha pátria!

Minha pátria por quem sinto saudades
Saudades tantas que o peito ralam,
E com tão viva força qual sentiste,
Quando no cume da Tijuca altiva
Meditando escreveste em versos tristes,
Versos que tanto amei, e que amo ainda,
As saudades dos lares teus mimosos!
É minha pátria afanoso o digo!
Deu-me o berço, e nella vi primeiro
A luz do sol embora ardente e forte,
Os meus dias d'infancia ali volveram
No tempo ao coração mais primoroso,
Nesses dias ditosos, em que apenas
Ao mundo despertado, vi e ouvia
Por sobre os labios meus roçarem beijos
Beijos de puro amor, nascidos d'alma
D'alma de Mãe mui carinhosa e bella!

Foi ali que por voz suave e santa
Ouvi e cri em Deos! É minha pátria!

E tu Poeta bem fadado ,
 Que na gentil Guanabára
 Tantos cantos tens cantado
 À tua pátria preclara ,
 Recebe este meu canto
 De amargór e de pranto ,
 Sem bellezas , sem encanto .
 À minha pátria tão cara.

Vi as bellezas da terra
 Da tua terra sem igual ,
 Mirei muito do qu'encerra
 O teu lindo Portugal ;
 E se invejo a lindeza
 Da tua terra a belleza ,
 Tambem é bem portugueza
 A minha terra natal.

Com gloria trago no peito
 Esse nome outr'ora forte ,
 Que não sei o que foi feito
 Do seu presagio de sorte.
 E s'inda dorme indolente ,
 Bem cantaste , em voz cadente ,
 Que ha de surgir potente
 Desse lethargo de morte.

Tambem invejo o Brazil
 Sobre as aguas a brilhar ,

Nesses campos mil a mil,
Nesses montes d'alem mar.
Invejo a formozura
Desses prados de verdura,
Inspirando com doçura
O Poeta a descantar.

Nada tem minha terra natal
Qu'extasie e revele primôr,
Nada tem, a não ser dos desertos
A soidão que é tão grata ao cantor.

E tu Poeta bem fadado,
Que na gentil Guanabára,
À tua pátria tão cara
Tantos cantos tens cantado
Tambem recebe o meu canto
De amargôr e de pranto
Sem bellezas, sem encanto,
Por minh'alma a ti votado!

Rio de Janeiro. — 1849.



REVELAÇÃO DE UM SONHO.

Vem-nos na vida o prazer ,
Para à dôr nos mais pungir ,
Sóbe o mortal p'ra cabir ,
Gosa para mais soffrer.
A. F. S. CAMPOS E MELLO.

« Sangue ! Sangue ! — Do inferno horriveis scenas,
« Desviâe-m'as, oh ! meu Deus, por piedade ! »
— Era este o bradar d'um desgraçado ,
Que após tremendo sonho , espavorido ,
Tremulo de terror , julgava ainda ,
Com ervado punhal , por mão iniqua ,
O halito da morte estar sorvendo !

Sonhava sobre a face jaspeada
De candida donzella adormecida ,
Sem que rubra de pejo ella corásse ,
Nem dos labios o frémito podesse
Attenta ouvir , um casto e doce beijo ,
De puro amôr nascido , ter impresso.
— Tambem sonhava já estar cingido
Por laço de marfim ao niveo colo
Dessa Virgem , que pura , brando arfava
Dulcissimos anhelos não scismados
No embate desta vida attribulada !

Sonhava vêl-a
Qual linda rosa,
Sempre viçosa,
E sempre bella.

Tão casta e pura,
Como revella
Brilhante estrella
Em noite escura.

Tão carinhosa
Como a ternura,
Na desventura,
De Mãe piedosa.

Desse extasis de amor a si voltava,
Quando por ferrea mão ao chão prostrado,
Com força viu um ferro, traspassar-lhe,
D'aguda ponta, o adyto do peito,
E com voz de trovão ingente espectro,
Morre! — Perfido! Morre! » — assim bradar-lhe.
« — Tambem sonhava em noite umbrosa e feia,
Em longiquo sanctuario a horas mortas,
Onde languida luz vertendo apenas
De baça lampada luctuosas sombras,
Junto a aras sagradas soluçando
Pudibunda donzella, qu'ajoelhada
De amor juras solemnes repetia:
E quando a dextra sua em laço eterno

A delle, venerando Sacerdote,
Ante o Deus Redemptor p'ra sempre unia,
D'improviso no Templo as naves todas,
A arcada, e o chão forte tremeram:
E da lampada a luz, que vacilante
Seu arranco de morte já exhalava,
De trevas innundando o desposorio,
Eis subito se mostra o mesmo espectro
D'hedionda catadura e ferro alçado,
Brandindo-o, e sopesando-o até craval-o
No peito do esposo desgraçado,
Qu'envolto em sangue aos seus pés lhe roja
De amor surdo gemido só dizendo
E o nome de — Carlinda! — repetindo.
— Gargalhada infernal então crepita
Dos chammejantes labios do assassino,
Cujos échos ao longe retumbando
Do flagício dispertam o sonhador.

Oh! que dór angustiada,
Lacerada,
Em seu peito s'infiltrou,
Que se Deus lhe não valera,
Suppozera
Que no sonho se finou.

Mago sopro do Senhor,
Nesta dór,
Santa reza lhe inspirou.

Que rezando-a piedoso ,
Venturoso
Logo — logo melhorou.

E esta reza que do peito ,
Satisfeito
Murmurando revelava ,
Era reza contristada
E ensinada
Por seu bem que tanto amava.

Era trova mui saudosa ,
Fervorosa ,
Gravada em letras d'oiro ,
Que pudibunda donzella
Pura e bella
Lhe offertou como thesoiro.

E o thesoiro era prenda ,
Com legenda ,
Neste sonho revelada ,
Era trova virginal ,
Sem igual
Por seu amor inspirada.

« Ó Deus de minh'alma ,
« Ó doce candor ,
« Dos justos a palma ,
« Do mundo Senhor ,

« Uni o meu fado,
« Já tão desgraçado,
« Ao fado scismado
« Do meu Trovador!»

Rio de Janeiro. — 18 de Janeiro de 1849.

AMO O SILENCIO DA NOITE!

Amo o silencio da noite,
O azul escuro do céu,
As densas nuvens errantes,
E seu pranto que verteu:
Então a terra se calla
E o mar bravio cedeu
E o negro mocho agoureiro
O seu canto emudeceu.

Amo o silencio da noite,
Quando suave instrumento,
Nest' hora faz olvidar
Agro — passado tormento;
Quando leve sussurrando
Fresca aragem, brando vento,
Apressurado nos traz
Algum novo pensamento.

Amo o silencio da noite ,
Quando em lua prateada ,
Modulando amenos versos
Os dirijo á minha amada :
E quando todos dormindo ,
Só eu vejo despertada
A minha sorte cruel
Minha sorte malfadada.

Amo o silencio da noite ,
Lembrando antiga paixão ,
Sonhando os sonhos de amor
Que gosou meu coração :
Oh ! então sinto e lamento
Só ficar recordação
Dessa agora já volvida
Meiga , terna sensação.

Amo o silencio da noite ,
Quando contemplo a dormir ,
O somno de um innocente ,
Que dorme sem o sentir :
Que só idéas fagueiras
Em sonhos lhe podem vir
E que dos males da vida
Não sentio o seu pungir.

Amo o silencio da noite ,
Quando donzella formosa ,

Meiga, triste e pensativa,
Na voz languida e mimosa,
Solta gemidos aos céos
Aguardando mui saudosa
Por seu bem, que em longes terras,
Vive vida tão penosa.

Amo o silencio da noite,
Quando de Deus Creador,
Contemplo o immenso poder,
Seu grande e infinito amor:
Então ufano quizera
Ser sublime trovador,
Que dedicára a meu Deus
Doces cantos de primor.

E já que a lyra não vibro
Com sonóra melodia,
Cantarei como cantou
Poeta d'alta magia:
« Como é bello este silencio
« Da terra todo harmonia,
« Que aos céos a mente arrebatá,
« Cheia de meiga poesia: »



UMA NOITE DE NATAL.

Natus est Jesus.

I.

Ó Templo Sacrosanto ! inspira-me ,
Em novos carmes , suave — grato incenso ,
Para do mundo ao nado Redemptor ,
Hymnos de gloria , em sublimes versos ,
Pulsando a lyra , ufano offerecer !
Mais um canto piedoso agora entõe
Quem máguas de Christão no peito sente ,
E que ante ti , ó Deus tão poderoso ,
Curvado , humilde implora de seus erros
A vénia tua , ó Lume alvinitante
De principio uno e trino egregia próle !

II.

Tange , tange , ó campanario ,
O teu tanger festival ,
Que é hoje dia sagrado
Dia do Santo Natal.

Como correm pressurosos
Velhos , moços e meninos

4 .

Ao teu Templo Sacrosanto
Entoando doces hymnos.
Como brilhantes se adornam
Moças, bellas e garridas
Para no Templo rezarem
As rezas d'alma nascidas.

III.

Neste recinto sagrado
Já vozes harmoniosas
Doces soam maviosas
Em um cantico inspirado.

É um psalmo repetido
Por cem boccas fervorosas,
Com off'rendas piedosas
A seu Deus — Homem nascido.

A esse Deus encarnado
Concebido em Nazareth;
Promettido á nossa Fé
Por nosso Deus mui sagrado.

O misterio abracemos
Da melhor das prophcias;
Já é nado o grão Messias,
Hymnos de gloria entoemos.

Tange , tange , ó campanario
O teu tanger festival ,
Que é hoje dia sagrado ,
Dia do Santo Natal.

IV.

E a par d'hymnos sacros, que aos Céos s'elevavam,
O orgão na Igreja seu canto esparzia :
De Christo os Fieis suas preces oravam ,
Clamando — Jesus ! — Virgem Santa Maria ! —

Depois longas trevas o Templo innundando
Com grave silencio , após tanto folgar ,
Se via um mancebo piedoso rezando
Aos pés d'uma Cruz , que brilhava no altar.

Um Bardo esse era , vibrando na lyra ,
Na lyra saudosa ignota oração
De su'alma emanada , que doce respira
Effluvios d'amor , de sagrada paixão.



NO ALBUM DA EXM.^a SR.^a

D. C. A. C.

Se eu fôra o grão Vate d'Argiva potente
No antro de Delphos iria afinar
Sua lyra doirada e nella cantára
Teus magos encantos — teus dotes sem par.

Se divo poder nosso Deus me doára
O fulgôr dos teus olhos iria roubar,
Se eu fôra visão, em sonho eu quizera
Teus labios de roza innocente beijar.

De prado luzido se eu fôra uma flôr
Triste eu dissera — não quero murchar —
Iria poizar-me em teu seio de neve
Que assim não podia jámais acabar.

Se eu fôra da Persia Dario famoso
Meu throno a teus pés eu iria curvar,
Se dóce, suave, fagueira avesinha
Endeixas d'amor te quizera infiltrar.

Mas eu não sou Deus — nem visão — nem florinha
Nem Vate affamado na lyra a pulsar,
Sou louco mancebo que o meu ao teu fado,
Ó virgem mimosa, quizera ligar. —

A UMA CREANCINHA.

Dedicação ao meu Amigo

J. da S. Maia Ferreira.

Gentil infante , innocente ,
Por que ledo assim sorris ?
Oh ! quem foi que docemente
Sobre os labios de rubis
Te imprimio com ternura
Doce beijo de candura ?
Contas n'um riso a ventura
Que tua voz bem não diz.

Sentiste algum niveo braço
Unir-te ao seio d'amor
Por mui terno , estreito laço ,
Com materno almo fervor ?
Com doce , innocente inleio
Repoisaste em casto seio
De meiguices , d'amor cheio
Tua face de candor ?

Como brincas , innocente ?
Como estendes a mão-sinha ,

Como pareces contente
 P'ra quem meigo t'acarinha?
 Tua vida é só folgar,
 De collo em collo a pular;
 Todos te vem afagar
 Como a mui tenra pombinha.

Meu anjo, por que sorris
 Esse riso tão do céu?
 Como á innocencia condiz
 Esse divo sorrir teu!
 Oh! troquemos nossa vida —
 A minha, aos gozos fugida,
 Pela tua, não vivida,
 Por teu sorriso sem véo.

És tenro, lindo botão
 De mui linda branca rosa,
 Vives no seu coração,
 É contigo venturosa:
 Cresça, cresce, linda flôr,
 E que nunca o dissabor
 Sobre ti verta o pallor
 Da sorte desventurosa.

Em manhã fagueira e bella
 Seja o teu desabrochar,
 Venha a doce philomela
 Os teus dotes decantar;

Pessas tu bem conhecer
Do mundo o vero prazer ;
Que não vejas fenerer
Teus encantos , teu gozar.

Rio de Janeiro , 27 de Dezembro de 1848.

Antonio Pereira da Costa Jubim.

UMA RECORDAÇÃO:

Fra noite de mui almo luar —
Uma noite em que triste pensava
Em amores que o tempo roubou-me ,
Em Maria que eu tanto adorava.

Toda a terra dormia em silencio ,
Só eu triste na terra velava ,
Nesta terra em que a sorte roubou-me
Os amores que eu tanto adorava !

Foi aqui ! . . A minh'alma o recorda ,
Que tão bella e tão meiga me ouvia ,
Quando a sós nossas juras jurando ,
Só com ella na terra vivia.

Foi aqui, que ora alegre, esquecendo
Este mundo d'espinhos e dôr,
Contemplava o meu anjo da terra,
Me fallando só fallas d'amor!

Foi aqui, que ora em beijos frementes...
Os seus labios tocavam nos meus,
E suas faces córando de pejo —
M'infiltravam delicias dos Ceus! —

Foi aqui!.. mas p'ra que recordar
Esses dias de gôso passado,
Para que? — se fugio-me a ventura,
Se na terra hoje sou desgraçado? —

Nesta hora d'amarga lembrança,
Nest'istante d'horrivel penar,
Sinto a dôr que nem lagrimas pôdem
Em meu peito faze-la cessar.

Sinto a dôr mais cruel e pungente,
No rigor da mais viva saudade —
Que perfidia de horrenda traição,
Desabrida lançou sem piedade!

Oh! mal haja essa mão impiedosa,
Qu'em meus labios o fel d'amargura
Me roçou, e me obriga a soffrer
Deste mundo a maior desventura!

Oh! mal hajam os meus dias de vida,
Desta vida de crú vegetar,
Que delirios de pranto e tormentos
A existencia m'intentam roubar!

E tão triste, qual rôla que geme,
E tão murcho, qual flôr desfolhada,
E tão stéril, qual erma campina,
E tão mudo, qual fonte estagnada,

Hei de embora p'ra sempre opprimido
Em tão triste e medonha soidão,
Adorar-te na vida, e na morte,
Conservar em meu peito a paixão!

A ELLA.

Na taça onde cuidei sorver doçuras,
Libei por mãos da ingrata, o fel da morte!...
JOÃO DE LEMOS.

I.

Sois bella na verdade, mas quanto é falso
Vosso olhar, vosso gesto e coração!
Porque de amor fazeis nutrir esp'ranças
Quando a ninguem amacs? — Porque dolosa

5 *

Fingis doce sorrir, — meiga soltaes
Essa voz, cujos sons me vibram na alma?!
Que destino cruel em vós fadou,
Com taes encantos, alma já sem brilho!
Oh! — Porque assim, a mascara infernal
Com que tanta torpeza encobrieis,
Tão cedo ante mim a arremessastes? —
— Os extremos d'amôr que não sentistes,
As juras vãs que nunca me guardastes,
E que os vossos labios gota a gota
Sobre o meu coração cair fizeram,
Hoje em desprezo e odio se tornaram!
— Perfida! Quão fallaz, traidora heis sido
Para quem tanto amôr vos outorgára!
— Olvidae o passado, eu vo-lo rogo,
E agora attenta ouvi, de crime vosso,
Sua negra relação, seu fim nefasto! —

Inspira-me, ó minha lyra,
Minha lyra, meu primôr;
Sem ti faleço, valei-me,
Valei-me na minha dôr!

Afinae, ó lyra, a corda,
Que diga ingratidão,
Tangendo-a, quero cantar
Do mundo a maior traição!

II.

Qual lympba dos bosques suas agoas correndo,
Tão brandas, tão puras no seu murmurar,
Assim minha vida em seu mago arrebol,
Ditosa frua venturas sem — par.

Qual flôr expontanea que á beira dos rios
Nasceo, e não teme que a venham ceifar,
Assim minha vida, em seu mago arrebol,
Ditosa frua venturas sem — par.

Fruia ditosa no seio fagueiro
De Virgens mui santas, de Mãi carinhosa,
A vida scismada de magas delicias,
A vida do mundo a mais primorosa.

Seus labios floriam o riso dos Anjos,
No peito echoando os philtros d'amôr,
D'amôr sacrosanto, por Deos inspirado,
D'amôr que não mente, de Deos Creador!

Que doce fallar escutava a minh'alma,
Sorvendo de um trago seus santos preceitos!
Que doce magia vibrava na voz,
Pintando do mundo seus torpes defeitos!

Cuidava então viver n'um céu de rosas,
Isento dos espinhos roedores,

Do flagício infernal do mundo ingrato ,
Que pungem n'alma , qu'o peito ralam !

— Ah ! que doce viver então vivi ! —

De pesares immune , julgava ainda ,
Descrendo das perfídias embusteiras ,
Que as negras páginas do Livro eterno
Marcavam em letras d'oiro a minha vida
Só fagueiro porvir se me antolhando !

— Pávido sonho ! —

E um dia , em que pensava ainda fruir
Esses gosos da vida tão do céu ,
Qu'extasiavam de prazer minh'alma ,
Um rosto eu vi , qual outro igual não vira ,
De mimos , e d'encantos primorosos ,
Que ferindo minh'alma , cri julguei ,
Bem louco na verdade — ser um Anjo ! —
Ereis vós , sim , Senhora , em quem meus olhos
Ávidos do prazer d'então gosar
Do brilho que nos vossos scintillava ,
Sorveram longos tragos desse encanto ,
Arroubo dos sentidos , — doce enlevo ,
Mago transporte que nascer fizestes
Ao Trovador ingenuo , inexp'riente !
— Do extasis em qu'absorto contemplava
Os olhos vossos , vossa tez mimosa ,
Com vôo d'anjo , em amor tornou-se
O que até então era só culto ! —

Amei com amor do Céu
Amei com amor do inferno,
E se houvera amor eterno,
Esse amor seria meu!

Meu peito sentio
Com casto pudor,
As lavas d'amor,
Qu'as faces tingiu,
Com leve rubôr.

Vi logo nascer,
Com almo prazer,
Em sonhos doirados,
Por Deos offertados,
A vida scismada,
Por vós inspirada!

.....
.....
Gosava apenas desse amor fagueiro,
Que tão puro ante mim dissimulaveis,
Com os embustes de mulher sem pejo,
Qu'em troco d'ouro vil rende á infamia
O seu pudôr, a sua vida e honra, —
Quando em tão curto espaço novo amor,
No peito refalsado acalentando,
Ao outro vossas juras fementidas
Do coração votaveis! ...
.....

Mas não ! Emudecer , a mim compete ,
Tão negros crimes em tão tenra idade ! ! . . .

Calla , ó Bardo , a tua lyra ,
Embora tão dissonante ;
Nem siquer seus roucos sons
Merece uma inconstante .

Deverias só cantar
Almos gôzos de primôr ;
Não vibres na tua lyra
Os cantos do desamôr !

Rio de Janeiro 22 de Fevereiro de 1849.

..... **A SAUDADE.**

Inda choro essa noite medonha ..
Longa noite de má despedida !
Teu amor me deixaste nos braços
Nos teus braços levaste-me a vida !
A. GONÇALVES DIAS.

Não sei que mão de ferro agudo alçada
Com força extrema me comprime o peito ,
Não sei que dôr vigente me lacera
..... As fibras d' alma

Escuto os homens que julgava amigos —
Envolto no prazer do mundo ingrato —
Mostro-lhes minha dôr — a causa inquirio —
Voltam-me o rosto !

Escuto as aves no albor do dia
Em verdes campos cantando amores
Contemplam d'amargura o meu sorriso
E ávidas fogem !

Então procuro as grimpas das montanhas
Onde outr'ora meus echos ressoavam
Vibrados pela lyra em que tangia
Canticos suaves !

E meus echos não são repercutidos
Agora que a saudade os vibra n'alma
— Saudade?! — Ai! tu és meu soffrimento
N'alma o sinto!..



A MINHA ESTRELLA:

Ao meu Irmão e Amigo

LUIZ DE QUEIROZ MATTOZO MAIA.

Nas agoas profundas do pélago immenso
Na pópa de um barco que os mares varria ,
Atento eu mirava nos céos esmaltada
Estrella brilhante que ao longe fulgia.

E era tão bella , tão nivea e mimosa ,
No seu esplendor , e na sua magia ,
Que longe do mundo , não sei porque sorte
A Estrella brilhando o meu fado dizia :

« Ó Bardo , que máguas no peito alagando
« Teus prantos desatas em trovas sentidas :
« Não és só no mundo , mistura co'as minhas
« Tuas dóres e máguas p'la sorte movidas. »

« Concentra em teu peito , não vibres na lyra
« Os carmes pungidos da vida passada ;
« Não sejas escravo da terra , do mundo ,
« Procura na patria a vida prismada. »

« Mui longe dos gestos tyrannos , fingidos ,
« Que o oiro acalentam , — qual maga virtude ;
« Esquece , despresa , não sintas no peito
« Effluvios de um nome tão féro e tão rude. »

« Tu és inda joven, e pódes na terra
« O prisma da vida, na vida sorver;
« Não sejas descrido, não queiras de rôjo
« Na terra lançar o que has de obter. »

« Se já fatigado na lide affanosa
« De tanto soffrer, e de tanto carpir;
« Revive no mundo, temendo e fugindo
« Dos rostos fingidos de falso sorrir. »

« Se o embate dos homens de peitos falsarios
« Na terra te causa tristeza e terror,
« Procura e abraça tua Mãi, Deus e Patria,
« Da vida e do mundo o só norte d'amor »

Não sei se era um anjo, se sópro divino
Quem d'alma estas fallas me vinha infiltrar,
Não sei que condão, e que forte magia
Prendiam meus olhos á strella a brilhar.

E a estrella fallou-me — e eu só entendi
Em maga harmonia — o seu doce fallar —
Contou-me inda mais, — mas eu callo no peito
As cousas que á terra não devo contar.



ERA UM ANJO!

No album do Sr. F. V. da Cunha.

Em uma noite sonhei
Estar sentado junto a mim —
Mimoso Anjo do céu
D'azas brancas de setim —
Era fermoso — innocente,
Quando branda e docemente
De seus olhos descerrava
O ceruleo d'oiro manto
Que mostrava o seu encanto
Que d'amor extasiava.

Sobre mim poison a face
Sua face de jasmim,
E querendo despertar-me —
De seus labios de carmim
Ouvi com voz sonora
Que arrebatava e que namora
Dizer-me, ó Santo Deus! —
Dóces palavras d'amor
Que exprimiam com fervor
Os ardentes votos seus!

Despertei, e do sonhar
A realidade senti

Não sei se era um anjo
O corpo gentil qu'eu vi :
Porém tinha o seu cander —
Era do mundo o primôr —
E se não era do céu
Porque azas não trazia
Com suave melodia
Repetia o canto seu !

Tinha nos labios candura
Nos olhos meiguice e amor —
Era lindo — como é linda
A primavera da flôr
Era puro como é pura
Na desgraça e desventura
A consoada maternal —
E ingenuo quando dizia
Que o amor qu'elle sentia
Na terra não tinha igual.

Ouvi o anjo da terra
Que p'los do céu me fallava —
Que juras d'eterno amor
Tão meigamente jurava —
Imprimi então um beijo
Que a fez córar de pejo —
Nos seus labios de coral —
E de prazer tão subido

Soltei após um gemido —
O gemido do meu mal !

Neste enleio mergulhado —
Fujamos — eu lhe bradei
Do mundo qu'insano olvida
Da natura a doce lei —
Delle audazes zombemos
E a outro mundo voemos
Onde possamos fruir —
Quer aos rancos das procellas
Quer em céu azul d'Estrellas
A vida do teu sorrir !

A UMA MENINA.

Dedicado

AO ILLM.^o SR. F. T. LOBO JUNIOR.

Como és bella , creancinha ,
No teu dormir innocente ,
És tão meiga , és tão lindinha
Nesse arfar tão docemente !
Semelhas á linda flôr
No albôr ,
Com primôr ,
Entre-abrindo brandamente :

És tão bella ,
Qual estrella
A brilhar no céu — fulgente !

És qual limpida corrente ,
Mimosa e bella e pura ,
Que rebenta docemente
D'um rochedo em grande altura.
És o orvalho matutino
Gottejando ,
Rorejando ,
Sobre viçosa verdura :
És a aragem
Na folhagem
Bafejando-a com doçura.

És farol , és doce guia ,
No teu dormir innocente ,
De quem á meiga poesia
Se lia votado e não desmente
A verdade e melodia
Que na lyra
Só respira ,
Só respira magamente.
Que Poeta ,
Qual Profeta ,
Canta d'alma , e nunca mente.

És singella , alva pombinha
Repousando em tronco annoso ,

Quando a sós, e coitadinha
No seu ninho tão mimoso
Outra pomba a acarinha
 Com candura,
 Com duçura,
Em seu somno d'almo goso :
 Es como ella,
 Meiga e bella
Neste encanto primoroso.

Es o suspiro da vaga
No seu Longinquo morrer,
Que lentamente divaga
Na encosta que vae bater.
Es a saudade da vida
 Tão querida,
 Já volvida,
Já volvida em meu viver.
 Es espr'ança
 De bonança
De quem da vida descrever.

Tu és tudo, e mais ainda
De teus Pais és dôce encanto,
Qu'imprimiram em face linda
Innocencia em brilho tanto.
Que em mago e doce enleio,
 D'amor cheio,
 Casto seio
Recebe o meigo pranto,

Quando choras
E descóras,
Envolta em ceruleo manto.

Cresce, cresce, flôr mimosa,
Nesse teu desabrochar;
Nunca a vida desditosa
Em ti possa penetrar,
Nunca os rigores da sorte
Desesp'rada,
Malfadada
Possa bárbara mirrar
Essa flôr
De primôr
Qu'expontanea se pousou
Na minha lyra d'amôr,
Qu'este canto m'inspirou!

Rio de Janeiro, 29 d'Abril de 1849.



ELLA A SORRIR!

Dou-lhe a minha harpa d'amor
Pelo seu riso fervente.

J. G. LOBATO PIRES.

Eu vi-a florir
Sem ella sentir
Dos labios um riso
Com bafo mimoso
Qual Anjo fermoso
No seu paraíso
A sorrir!

Mostrava o marfim
De brilho sem fim
Na bócca mimosa
Que maga sorria
E leda dizia
Com voz primorosa
Carmim!

Que riso do Ceu! —
Mas não — era seu
Que bem o senti:
Ninguem m'o contou
Só ella o mostrou
Dizendo-me a mi —
— Eu t'o dou!

Com doce transporte
Libei minha sorte
No riso offertado —
Fui logo a correr
Às fadas dizer
Eu quero o meu fado
Saber —

E as fadas disseram
Fugi do sorrir
De mago condão
Qu'infiltra traição
E sabe mentir
Com doce expressão. —

As fadas mentiram
No seu predizer !
No riso offertado
Fui logo apressado
Seu prisma sorver
D'amor inspirado.

Esse riso
Tão donoso
Terno amor ,
Com candor ,
Só dizia —
Deixo as fadas
Mentirozas —

E no peito
Satisfeito
D'alegria —
Della o riso
Imprimindo
Vou sentindo
Seu ardor !

O SEU RETRATO!

Miserable destin — Quoi vivre sans son âme
Méconnaître l'amour et toujours le rêver ;
Parler sans s'émuvoir un langage de flamme
Peindre un bonheur sans l'éprouver.

M^{LL.} DEPHINE GAY.

Ó imagem d'encanto e primôr
Ó do mundo o meu unico idéal, —
Ó das virgens a — virgem d'amor ,
Ó Deidade p'ra mim sem igual ,

Recebe o meu canto
Qu'encerra só pranto
Despido do encanto
Do meigo trovar ; —
Mas d'alma sentido
Por ella tão qu'rido ,

No accento pungido
Que sabe exhalar !

És a imagem mais querida
Formada por Deus no mundo —
És o sorriso da vida
Mesmo em bátrio profundo —
És a flôr mais primorosa
Sempre , sempre tão viçosa
Nesse teu desabrochar ; —
Que nunca terás na vida
O nome d'emmurchecida ,
Porque nunca has de murchar !

Teu rosto exprime a doçura
Do lyrio no despontar ,
Quando se ostenta vaidoso
Em seu ramo a baloiçar : —
E teus olhos quaes estrellas
Tem mais fulgôr do que ellas
No firmamento a brilhar —
Porqu'infiltram em minh'alma
Com transporte e doce calma —
— Quanto vale um casto olhar ! —

Teus labios de rubra côr
São do mais bello carmim
Quando discerram mimosos —
Murmurando um terno — sim ! —

Tem a subida magia
Que transporta e m'extasia
Mesmo na vida a carpir —
Porque esmaga esses profanos
Que se tornarem tyrannos
Descrendo do teu sorrir!

O teu niveo seio — é bello,
E da mais alta brancura,
Quando meigo arfa constante
A mais scismada ventura: —
Teus cabellos da côr do oiro
São do mundo o meu thesoiro —
Quando soltas a brilhar; —
Pois será sempre o teu rosto
O mais divino composto
Que na terra hei de adorar!

EU OUVI:

Vibrada no espaço de noite mui linda
Ferindo minh'alma com mag'a inflexão
Cadente eu ouvia de um Anjo da terra
Do imo do peito mui terna canção!

Dizia saudade — em accento magoado,
Sonoro — mavioso, inspirado por Deos —

Tão maga harmonia só era emanada
Do côro dos Anjos — dos Anjos dos Céus !

Casava co'as horas tardias da noite
De noite tão bella, de almp luar —
A voz merencoria qu'attento escutava
Lembrando continua meu triste penar.

Que doce soffrer inñltrou em minh'alma
Os sons desferidos por Virgem mimosa
Dizia o meu fado sem ella o sentir,
Lembrava-me a vida passada e saudosa !

Ouvi, como ouviram no monte Sinai
Os magos mandados á voz do Senhor,
Humilde e curvado o meu agro porvir —
Dos labios da Virgem, nos cantos d'amor !

E triste e pungido por este escutar
Que tanto extasiou-me, porque era saudoso —
A passos mais lentos, que a dôr que soffri —
Deixei, apartei-me do canto harmonioso !



A QUEIMA DE UM BOSQUE.

Plus pâle que la pâle automne
Tu t'inclines vers le tombeau !
MILLEVOYE.

Em um bosque, onde eu outr'ora
Divaguei, — se vê queimado,
Em trevas já não namora
O rouxinol engraçado.
Já não tem inspiração !
Assim dizia com paixão,
E com dôr no coração
Um mancebo desgraçado.

Ó bosque, que tanto amei,
Vosso luto é minha sorte,
Que por elle eu divisei
O meu preságio de morte.
Os orác'los não procuro
P'ra dizerem meu futuro,
Bem sei que é immaturo,
Inabalavel e forte.

« O fado dizia,
Qu'o bosque queimado,
Eu não viveria,
Estaria enterrado ! »

E nisto ao longe ardia
O resto do bosque lindo,
Quando o mancebo se ia
Para ahi triste, carpindo.
Elle foi... mas não voltou,
Que junto aos restos qu'achou,
De subito expirou,
De rôjo ao chão cahindo!

Um tumulto ergueram
No bosque fatal;
E nelle escreveram: —
— « Fugi do meu mal! » —

Deste ermo solitario
Ninguem nunca se lembrou;
Nem bronzeo campanario
Seus echos alli soou.
Só á noite se ouvia
Rijo vento que gemia
Sobr'a campa, e que dizia —
— « Ai! — Mortal já eu não sou! » —

RECORDAÇÃO!

De noite mui linda
Tu queres Arminda

Que lembre-te ainda
Um sonho d'amor?
Attende bondosa,
Com alma piedosa
A chamma vap'rosa
Do teu Trovador.

Nos Ceus esmaltadas
De brilho fadadas —
D'encantos rodeadas
Se viam lusir —
Estrellas mimosas —
Mui bellas, — vaidosas —
Tão magas — radiosas —
De casto sorrir !

Mais longe distante,
Tambem radiante
Se via brilhante
A Lua a fulgir ; —
E os mares bramindo
Dos ventos fugindo —
Estava eu sentindo
Seu forte rugir !

Na pôpa assentado
De um barco açodado
Por ventos soprado
Me puz a pensar

Na vida sonhada
Qu'eu tive passada
Comtigo gosada
De mago scismar !

Às vezes eu cria
Com forte magia
Que só eu te via
Comigo a folgar —
Às vezes pensando
Que ouvia-te arfando
Teu seio tão brando
No meu a poisar !

Então extasiado
Do mundo olvidado
Comtigo abraçado
Me puz a beijar
Teus labios mimosos,
Teus olhos fermosos —
Que vinham ferv'rosos
A mente escaldar !

E em fogo divino
Mui casto e mui dino
Vagava sem tino
Em dóce candôr
Ao teu abraçado
Não sei se acordado

Meu corpo extasiado
Nos sonhos d'amor !

Depois despertando
Meus olhos fitando
Te estava mirando
No teu dormitar —
Como eras formosa !
Quanto eras mimosa ,
Arminda ditosa
No teu respirar !

Travando da lyra
Que tanto m'inspira
Nos sons que delira
Me puz a trovar —
Cantei o teu rosto —
Divino composto —
A mim só exposto
Que o sei adorar !

Por cum'lo d'anhélos
Teus bellos cabellos
Da côr dos meus zêlos
Me puz a affagar : —
Mas eis que desperto
E vejo-me — é certo —
Já ter descoberto
Que é tudo um sonhar !

Eu vi-te ! — E acordado
O sonho gosado
Agora lembrado
Não posso esquecer !
Fugio-me a ventura
Tão maga e tão pura —
Se o sonho não dura
Porque hei de viver ? ! —

PORQUE PÓDES DUVIDAR?

Ingrata porque motivo
Cruel pódes duvidar
Desse fogo lento e vivo
Que é hoje o meu pensar !
Foste tu que m'o accendeste
Que dessas olhos quizeste
Que eu bebesse o seu fitar ! —

Qual mimosa e casta flôr
Desfolhada pelo vento —
Assim me roubaste o amor —
Que é hoje o meu tormento.
Neste martyrio de dôr
Inda queres com rigôr
Escaldar meu pensamento !

Queres provas de que te amo?
Desprende dos labios teus
Um desejo que m'inflammo
Mostrar nelle os votos meus!
Exiges de mim a morte?
Em tuas mãos a minha sorte
Entreguei perante os Céus!

Dize, falla, manda, ordena
Com tua casta isenção
Aos tormentos me condemna
Que nunca direi que não —
Quer vivendo leda vida,
Quer em sorte desabrida
Será teu meu coração!

IMPROVISO.

Vi uns olhos garços — bellos,
Bellos como o Creador,
Da vida meigos flagellos,
Do scismar doces anhélos,
Por quem sinto nobre ardor.

Vi um nariz delicado
Com esmetado primôr,
Tão pequeno e afilado,

Que parecia formado
Por pincel d'habil pintor.

Vi uma bóca mimosa
Com labios de rubra côr
Purp'ra e bella como a rosa ,
E que dizia dolosa
Meigos — brandos sons de amor.

Um seio niveo arfando
Tambem vi — que com pudôr ,
Mil prazeres pullulando ,
Se mostravam disputando
Dos bens da vida o — primôr. —

.....

Emmudece ! não mais cantes ,
Desditoso trovador !
Não merece taes descantes
Quem da vida a tres amantes
Roubou com traição e dôr !

CARLINDA.

É fado tyranno ,
Carlinda mimosa ,

O que soffre o meu peito
Por ti que és formosa
E que és meu amor

Carlinda attende

Teu triste cantor!

Se extremos concedo

A tua beldade

Vem mão oppressora,

Que sem piedade

Noa enche de dôr;

Carlinda attende

Teu triste cantor!

Se o meu ao ten fado

Intento ligar,

Sorte impiedosa

Nos quer separar

Com duro rigor;

Carlinda attende

Teu triste cantor!

Porém nem o fado,

Nem mão oppressora,

Nos póde roubar

Um bem; qu'è penhora

De Deus — Creador.

Carlinda attende

Teu triste cantor!

Sejamos unidos
Na patria de Deus!
Recebe os meus votos,
Meus votos só teus,
Nascidos de amor,
Que terno te envia
Teu triste cantor!

EM QUE ESTÁS TU A PENSAR?

Anjo d'olhos negros, negros,
Tão da côr da noite escura,
Tu que sabes meus segredos,
Tu que lês minh'amargura;
Porque buscas nessas ondas
Da furia o rebramar?
Porque foges de mim sempre,
Em que estás tu a pensar?

Porque queres brancas velas
Sobre as aguas a soprar,
Quando o oiro das strellas
Brilha, brilha sobre o mar?
Porque triste estás scismando,
No d'outrora o meu scismar?
Se o teu coração palpita,
Em que estás tu a pensar?

Não reparas nesses ares
Essa pomba a perpassar —
Qual será o seu pressagio —
Vem — oh ! vem-m'o revelar.
Se nos diz qu'é desventura
Algum dia ha de findar ,
Porque queres qu'eu repita
Em que estás tu a pensar ?

Mas eu vejo a longe em trevas
Sobrevir a tempestade —
Porque esperas ? — Foge , foge ,
Teme a sua potestade —
Mas tu ficas triste e muda —
Dize , oh .dize o teu penar —
Porque tranquillã só tremes ?
Por quem podes recear ? —

Nada disse — e ainda triste —
Mais que nunca assim ficou —
Os seus olhos me disseram
O que su'alma me jurou.
Estreitando então seus braços
Revelar-me o seu scismar —
Era a certeza da morte —
Que o fazia assim pensar !

Loanda 22 de Outubro de 1849.

O BATEL!

Rema , rema , gondoleiro ,
Que bem me faz teu remar ,
Corta as vagas , rema , rema ,
Presteç corre sem parar .

Solta a véla , cassa a escola ,
Deixa q batel voar ,
Qu'este andar tão vagaroso
Crua dôr me faz penar .

Que t'importa o rijo vento
Que tão forte vae seprar ? —
Solta a véla , gondoleiro ,
Corre e vóa sem parar .

Que t'importa o furacão ,
E essas ondas a brigar ?
Rema , rema , gondoleiro
P'ra o logar que t'indicar .

Vae ao porto do destino
Em que a sorte me fadou
Procurar quem só de amores
Cruelmente me malou .

Quem tambem a vida e a morte ,
E o coração me roubou ,

Esse anjo que na terra
Minh'alma idolatrou.

Quem venturas só do Ceo
Magamente m'infiltrou
A mim, que louco d'amor,
Louco e insano me tornou.

Rema, rema, gondoleiro,
Que bem me faz teu remar,
Corta as vagas, rema, rema,
Corre e vò a sem parar.

Porém não! — Cassa a vela,
Leva remos, gondoleiro,
Eis o porto do meu fado
Do meu fado derradeiro.

Vou cumprir uma missão —
Não sei mais se voltarei
Nunca digas, gondoleiro,
As vozes que aqui soltei!



AO MEU CUNHADO

E AMIGO

J. J. DA CRUZ FORTE,

Ó vaso doirado
D'encantos fadado
Tão bello e prismado
Nas regas d'amor —
Infiltra bondoso —
Na flôr do teu goso
O brilho radioso
Qu'inspira primôr ?

Que é della no albor
A sua alma e candor
Só tua no amor —
No peito a vibrar —
Incensa e suspira
A flôr que delira —
Que já em tua lyra
Soubeste cantar !

E sempre em tua alma
Tu sintas a calma
Do tronco e da palma
Da meiga florinha —

Que é tua na vida
No mundo deserta
De ti — mas — tão qu'rida
No amor que aearinha!

E assim vegetando —
E sempre regando —
Com ella scismando —
Não deixes crescer —
Mas sempre florir —
Comtigo a sorrir —
A flôr que no abrir —
Quizeste adorar!

SINTO:

Não são riquezas,
Não é renome,
Não são bellezas
Que me consome —
Trago no peito,
Tão contrafeito,
A amor affeito —
Mui rada nome —
Seja o que fôr —
É um segredo —

Que causa horror —
Que causa medo —
Stá bem lacrado —
Tão malfadado —
Por mim gravado
Nest'arvoredo.

É pouco extenso —
É tórpe e feio —
É spinho intenso
D'impuro seio —
Outr'ora amado —
Hoje odiado —
Por ter roubado
Meu doce enteio !

Emmudece-lo ?
Não posso ! — Não ! —
Vae pois dizer-lo
Meu coração —
De um terno amor —
Hoje traidor —
É — « desamôr !
« Ingratidão ! »



BELLEZA SEM AMOR:

Carlinda queres ouvir
A revelação do amor
Repara, mas sem punir
O teu mesquinho cantor.
Linda és qual linda rosa
Iguálas uma deidade
No mundo não ha beldade
À tua sem paridade,
À tua tão primorosa.

Uma paixão lisa e pura
Gastos tempos já roubaram
Uma fé sem ser perjura
Só os antigos mostraram.
Todas nos labios candor
Affectam mago sorrir
Castas querem difundir
Almos gozos sem sentir
Bem contrarios ao amor!

Ronca ao longe a tempestade
Ah! descóras — Já te esquecem
As promessas da amizade
Que jurastes ao trovador?!..



OS TEUS OLHOS:

A Exm.^a Sr.^a D. M. Rezende.

Oh ! que lume tão brilhante
E tão meigo e tão constante
Tem teus olhos a luzir ,
Brilham mais do que as estrellas
As mais fermosas e bellas —
No firmamento a fulgir !

Não são negros côr da noite
Que desses eu já descri —
Não são garços — que esses mentem
Que por elles já morri !

Nem dos pardos a magia —
Que só dizem — simpathia —
Tem seu brilho e seu fulgor —
Não ha no mundo expressão
Que designe o seu condão
Quando só fallam de amor !

São da côr qu'exprime n'alma
O transporte em doce calma !
São olhos que tem sorrir !
O mundo não tem iguaes
Teus fulgores divinaes —
Sempre , sempre hei de os sentir !

Nagos encantos revela
v tua imagem primorosa
Respiras o odôr da roza
Igualas uma deidade!
v lma d'Anjo! oh! tem piedade!....

A UMA JOVEN:

Es perla doirada,
Por Anjo engastada,
De brilho famada
No mundo a luzir;
Es alva pombinha,
Es meiga estrellinha
Que o céu acarinha,
No céu a fulgir!

Es flor primorosa,
No viço radiosa,
No cheiro mimosa
Na terra a florir:
Es trova singella,
Tão pura e tão bella
De meiga donzella
De casto surrir!

Es echo sentido
Por Anjos sabido,
Por mim tão querido,
No peito a vibrar:
Es doce harmonia,
Qu'enleva, extasia
Com forte magia
No teu decantar!

Gemido de serra,
Suspiro da terra,
Es tudo qu'encerra
A terra, céu, mar!
Es sopro divino
Tão puro e tão dino,
Que sabes n'um hymno
O mundo extasiar!

J. S.

A EXM.^a SENHORA

D. M. J. Peixoto.

Se eu fôra dos reis esse rei d'harmonia .
D'Achilles famoso o sublime cantôr ,
Na lyra doirada cantára ditoso
Teus magos encantos — retrato d'amor! —

10 .

Se eu fôra fadado dos magos accentos
Do só Lamartine, qu'em doce fragôr
A quêda de um Anjo sublime e brilhante
Nos cantos qu'enleva cantou com primôr;

Se junto a Vaocluse eu tivera o laúde
Que o mundo extasiou em seus cantos d'amor —
Se o estylo tivera na bella Clorinda —
Do Bardo qu'inspira, —do divo cantôr;

Se eu fôra do Tejo, e do Lima e Mondego
O Cysne sem par de tão alto clamôr —
Com voz emanada do côro dos Anjos
Cantára inspirado a tua alma e candôr.

Mas eu não so'Homero, nem Cysne da França,
Nem Tasso, ou Camões — esses Bardos d'amor!
Sou Vate sem estro, nem lyra, nem musa,
Sou triste do mundo mesquinho cantôr!

UM PEDIDO.

Jonía tyranna
Fére o meu peito
Que contrafeito
Vive a gemer,

Deixa que prestes
Teu trovadôr
D'insana dôr
Vá a morrer !

Porém se queres
Que elle viva
Chamma altiva
Vae-lhe acender
 Dá-lhe o amor
 Porque delira,
 E só suspira
 Até morrer ! —

N'UM ALBUM.

Estrella luzente dos bens primorosa
Um raio dos teus mui fagueiro e brilhante
Grava em minh'alma qu'aspira amorosa
Efluvios d'amor — que jurastes constante !
Nem Anjos — nem flôr — nem dos bosques cantôr
Igualam teu riso donoso e fragrante —
Ah ! — dá-me esse riso em troca d'amor ! . . .



PARA QUE ME RECORDAS!

AO ILLM.º SR.

Francisco Joaquim da Costa e Silva.

On parle à son ami des chagrins de la terre....
M.^{me} EMILE DE GIRARDIN.

Já a noite bem alta
E a lua a fulgir —
Seus raios tão bellos
De meigo lusir
Nos vinham d'amores
Seus gózos lembrar.
D'amores?
P'ra que me recordas
D'outrora o gozar?

Das flôres a flôr mais pura e mimosa
Já tive pendida em meu lindo rosal,
Sómente regado por Anjos dos Ceus —
No teu lindo solo — no teu Portugal!

Gosei a fragrancia qu'eu tanto aspirava
No calix mimoso — só nelle a brotar! —
Tu sabes que a flôr que eu tive na terra
Igual neste mundo não posso encontrar!

E rosa? — Oh! não — porque espinhos ervados,
Não tinha essa flôr — d'agudo pungir —
Seu nome na terra não é conhecido —
Eu callo no peito o que eu só pude ouvir!

E sabes também que as furias do tempo
Em grosso tufão fizeram murchar
A flôr qu'eu mais qu'ria; — mas nunca a procella
Seu nome em meu peito pod'rá olvidar!

Oh! não — não mais falles,
Não queiras lembrar
Meus dias d'amores
Com ella a scismar! —
D'amores? —
P'ra que me recordas
D'outrora o gosar? —

Mas eis que se esconde
A lua que ha pouco
Se via a brilhar —
Seus raios tão bellos,
Seus bellos fulgôres
Se vão a finir: —
Oh! çalla — não queiras —
Mais nada d'amores
Seus goses lembrar!..

O MEU RAMO:

AO MEU AMIGO

Manoel da Costa Carmo.

Despidas do odôr
Que tem no primor
As flôres d'amor
Um ramo compuz
É todo singello
Meu unico anhélo
Da côr do meu zelo
Que nellas eu puz. —

Saudades são ellas
Tão róxas e bellas
Que só nas estrellas
Eu posso encontrar
O lume brilhante
Mimoso e fragrante
Que nellas constante
Costumo mirar.!

Não tem a magia
Qu'enleva e extasia
No peito d'Armia
A roza no albôr —

Sorrindo-se airosa
Tão meiga e radiosa —
Qu'exprime vaidosa
Só fallas d'amor !

Não tem a brancura
Qu'exprime candura
Tão maga e tão pura
Do niveo jasmim —
Nem cravo qu'inspira
O Bardo na lyra
No odor que delira
No rubro-carmim ! —

Mas todo saudade —
Tem flor d'amizade —
Qu'exprime bondade —
Que tem coração —
Sem ter o que encerra
Nos odios e guerra
Do mundo e da terra
D'amarga illusão.



BENGUELINHA!

Passarinho primoroso ,
E gentil , plumeo cantor ,
Que d'aromas tão fragrantés
Não esparzes com candor ,
Quando trinas mavioso
Neste insolito rigor
De um sol forte e constante
Suaves cantos d'amor ? !

Às vezes contemplo
Do dia no albor ,
Sentir o rigor
De escravo viver ;

Suspiras e gemes
Em cantos d'amor ,
Ah ! sê meu primor
Não queiras morrer !

Anhélas no mato
Andar pelas fragas ,
Viver só de bagas ,
Nos ramos dormir ?

Esvoaça saltando
Na tua prisão

Ai! tem compaixão
Não vive a carpir!

Infiltra bondoso
No meu coração
O doce condão —
Do meigo trinar ;

Que juro contigo
No mundo viver
Contigo morrer ,
Contigo findar !

E as azas abrindo
O plumeo cantor ,
As juras d'amor ,
Ouvio a sorrir —

Em magos acentos
Endeixas trinou ,
Que d'alma exhalou ,
Que d'alma sentio ! —



NO ALBUM

DO ILLM.º SR.

J. J. Vieira de Carvalho.

Qual perla arrojada por vagas altivas
De ventos batida em horrivel tufão
Assim despontaste na terra em que vives
Nos plainos ardentes do ardente torrão.

Qual flôr expontanea sorrindo fragrante —
Que as mãos da procella por terra lançou —
Assim no rigor das areias ferventes —
Aos olhos do mundo o teu brilho murchou.

E murcha e pendida por sóes abrasada
N'um horto privado das régas d'amor —
Tu vives mirrada aguardando saudosa
Um vaso doirado d'encanto e primor.

E embora o teu fado te cerque maldoso
D'espinhos ervados d'agudo pungir
Por terra não ficas de rojo prostrada
Porque has de no mundo mil vezes florir!



TENHO FÉ!

Tenho fé na meiga aurora
No horizonte a despontar —
Quando junto a altivas rochas
Eu contemplo o argenteo mar.

Tenho fé n'uma estrellinha
Lá nos céus só a brilhar —
Quando em noite escura e feia
Vem-me a mente acalantar.

Tenho fé também na lua
Mesmo a pino a fulgurar —
Quando a sós e merencorio
Vou na lyra a cantar.

Mas quando diviso uns olhos
Negros — negros a mirar
Minha fé inda é mais pura
Porque nunca ha de acabar.

Porque uns olhos negros — negros
De tão doce e mago olhar
Tem mais brilho do que os astros
No firmamento a brilhar !

A MINHA FLOR!

Ah! tu ne saurais, m'oublier!
M.^{me} EMILE GIRARDIN.

Trago no peito uma flôr
Nesta amena soledade —
É a flôr que nasce d'alma
É a candida saudade.

Tirei-a de sobre um tum'lo
Onde tão bella brilhava —
E de côr tão róxa — róxa
Que o meu peito roxeava.

Tinha o mago sentimento
Qu'em minha alma exp'rimentava —
Ao colhê-la a sós com ella
O meu fado consultava.

Era triste e merencoria
Nestes desertos lugares —
Qual peito que geme afflicto
Na soidão os seus pezares!

Chorou lagrimas comigo
Tão d'alma e tão pungentes
Que, qual Fada, me-dizia
Minhas desgraças pendentes.

E era tão meigo esse som
Que no peito m'echoava —
Que julgava anjo do céu
Quem nest'hora me fallava :

« Porque triste , triste sentes
« Da existencia o dissabor ?
« Porque choras gemebundo
« Teus tormentos , tua dôr ?

« Queres que eu Fada soletre
« Tuas magoas — tua dôr ? —
« São apanagios da terra —
« É saudade — é desamor !

« Descrido assim no mundo
« Não sejas — crê e espera ;
« Pois que o tempo nas saudades
« Muitas vezes as tempera !

« Eu sou planta e tambem sinto
« Da saudade o crú rigor —
« Quanta vez de balde espero
« P'ra regar-me o horticultor ?

« Quanta vez em dias turvos —
« Anhélo os raios do Sol —
« E quaes nuncios desta vinda
« Os cantos do rouxinol ? —

« Quanta vez d'alma suspiro
« No inverno p'la primavera,
« Que tanta vida me dá —
« Nesse tempo em qu'ella impera ?

« Infeliz não és tu só
« Neste mundo d'illusão :—
« Eu tambem soffro — e não tenho,
« Como tu — um coração.

« Calla pois os teus tormentos
« Em teu peito amargurado —
« Neste teu cruel penar —
« Sé crente e resignado ! »

E assim a florinha
Tão meiga fallou —
Su'alma tão minha
Na minha roçou,
Que os prantos da terra
No peito callando —
Com ella scismando,
Meu pranto findou !



O CANTO DO NAUTA:

NO ALBUM DO

Illm.º Sr. C. J. M.

De pé, só, e sobranceiro,
Em fraco, debil madeiro,
Contemplo aguas sem fim:
Miro nos céus as estrellas,
Tão brilhantes e tão bellas,
Qual resplandecente rubim.

Livre sou, navego altivo,
Sempre attento, e nunca esquivo
Às furias do vendaval;
E na immensidão destes mares
Às vezes tenho pezares,
Saudades de Portugal!

Gosto de um céu mui puro
Ou do vento ás vezes duro
No seu forte sibillar;
Quando as vagas espumantes,
Raivosas e fumegantes
Vão ao longe rebramar.

E em seguida a tempestade
Diviso com potestade
Retumbar em escarcéus;
E apóz do mar as aguas
Em féras — horridas fraguas
Rasgarem nuvens dos céus !

Então lanço mão do leme ,
E com coração que não teme
Do forte bramir do mar ; —
Escuto a voz da verdade —
Do meu Deos a Magestade ,
E vou sempre a caminhar.

Rinzo as vélas ; — e se o vento
Cada vez maior tormento
Raivoso me quer soprar ;
Reservado , e sempre crente
Espero que brevemente
Suas furias vem findar.

No horisonte apóz diviso .
Como se fôra um sorriso
D'entre uns labios de coral ,
Rasgar-se a nuvem ventosa ,
Mostrando-me a luz mimosa
Do findar do vendaval.

Depois o céu matisado,
De mil côres enfeitado
Vem-me a mente acalantar;
Solto então todas as vélas —
E já folgo o vêr como ellas
Correm, vôam sobre o mar!

Senhor de todos os mares,
E livre dos crús azares
Que a tempestade nos traz;
Sobrevem-nos a bonança,
E o meu braço ainda não cança
De volver o leme audaz!

Oh! quanto é doce á minh'alma
Depois da procella a calma
Sobre aguas de puro anil; —
Ver o ceu abrilhantado
Inda ha pouco carregado
Na extensão de leguas mil!

Então fresca e meiga aragem,
Como se fôra em ramagem
Bafejada com amor, —
Incha as vélas pressurosas
Por se mostrarem vaidosas,
Ao meu barco de primôr.

Navego e assim caminhando,
Na minha vida scismando,
Contemplo que sou feliz;
Porque aqui rege a natura
Um só Deus — e a mão impura
Dos homens nada me diz.

Eu não troco a minha vida,
Ainda assim tão desabrida
Nas procellas do alto mar:
Aqui falla a Natureza,
Na terra só ha torpeza,
Risos falsos d'enganar!

Mesmo exposto á tempestade
Tenho ainda a liberdade —
Senhora dos céus e mar!
Não ha aqui ferros tyrannos,
Não ha gestos deshumanos,
Para barb'ras leis dictar!

Livre sou, navego altivo,
Sempre attento e nunca esquivo
Às fúrias do vendaval:
E na immensidão destes mares,
Só ás vezes hei pezares,
Saudades de Portugal!

AINDA A ELLA!

Armia, oh! não te exponhas
De um Numen ao furor,
Se as leis d'amor não cumpres,
Teme o poder d'amor!

Bocage.

Mulher que tanta amei, e que amo ainda,
Não sei se Nume ou Deusa, Arminda minha,
Anjo, Nympha, Mulher, meu ser na vida,
Ai—recebe o meu só nascido d'alma
Amoroso suspiro e terno e forte,
Da mais negra saudade trasbordando,
Qu'em aridos torrões da terra sua,
D'Africa adusta o miserando Vate,
Nas aureas azas de suave brisa,
Saudoso e melancolico t'envia!

Em um monte d'arêas formulado
No seu cume assentado e só, e triste,
De saudades a mente acalentando,
E no rigor de um sol ardente e forte,
A ti meus ais, a ti meu pranto envio!

Ahi—aonde habitas, tão distante
Do teu unico amor qu'então dizias,
Ahi, onde feliz gozei outr'ora
Dos mais primados gozos de ventura,
Que a um céu d'amor extasiados,

Presos em corpo, e alma — ambos bem juntos,
Descrendo desta vida — o mundo inteiro
Em ti só resumido eu divisava;
E eu era o teu Anjo a quem só qu'rias;
Ahi — quem sabe, se o teu peito ainda
Soltuçando por mim arfa constante!
Quem sabe se algum verme venenoso
Corroeu-t'o, infeliz, — tornou-te ingrata!
Ou também se d'astuto aventureiro,
Fementido e fallaz, e vil cobarde
Um outro amor no adyto do peito
T'infiltrou, e de mim ousado zomba,
Em teus braços só meus, só meus outr'ora!!
Mas não! — neste delirio eu crer não posso,
Que mais do que perjura então serias,
Tu fôras barb'ra — deshumana fôras!

Quer junto a aridas plagas —
Quer a frondoso coqueiro —
Quer em bosque emmaranho,
Quer no cimo de um outeiro, —

Quer vivendo léda vida —
Quer carpindo imiga sorte —
As minhas juras d'amor
Guardarei até á morte.

Alada mensagem
Me venha vida —
Arminda és fiel —
Fiel té morrer!

E a sorte choremos
Que avessa nos é —
Mas não blasphememos —
Vivamos co'a Fé!

D. BEATRIZ.

.... Curtio delirios vastos
e Entre tufões e abysmos!
A. F. DE CASTILHO.

I.

Em mansa noite de prateada lua,
Que alvissima banhava o horisonte,
E com fulgor ameno reflectia
Sobre de um rio, em suas puras aguas;
E qu'espalhada, alvinitente e bella
Tambem sobre os areaes de praia amena
Finos christaes em lagos similhava,
Desgrenhada, e a sós — e bella, e louca,

Qual ave perseguida a curto, e á força
Por aços matreiro — divagava,
Banhada em lagrimas, — a largos passos;
Soluçando d'amor, e allucinada,
No rosto o desespero — amor no peito,
Beatriz, D. Beatriz, qu'imprevidente,
Com pé ousado e firme, até ás fauces
D'insondavel abysmo arremessára,
Por amor de um Vate — o amor de esposo.

E era noite sacrosanta —
Esta noite de tormento,
Ao longe ardiam tochas
Em lusido sabimento.

D'outra extrema caçalgando
Vinha em ginete murzello
D. Silveira — Cavalleiro —
Valente — aguerrido e bello.

Trajava dó e armas negras,
Quanto negro o coração,
Nesta brida procurava
O seu amor e paixão.

Mas de chófre o seu corcel
Refreia, e faz parar,
Porque o povo era já tanto
Qu'impedia o galopar:

Porque é perto o sahimento —
O sahimento christão —
D. Silveira joelho em terra
Tambem faz sua oração.

E em canticos sagrados — tristes monges
De consternado olhar — de dôr contrictos
D'alma funereos psalmos repetiam
Ao morto Deus — ao redemptor do mundo!
Que triste sahimento! — Tristes todos,
Quer tropa e Rei, quer povo e clero — todos
Tristes uma só dôr n'alma sentiam! —
Té o céu qu'inda ha pouco abrilhantado,
Com resplandentes — lucidos meteoros
Tambem sua tristeza demonstrava
Nas grossas nuvens, qu'em mui densas trevas,
No firmamento prestes caminhavam,
Mostrando um soluçar amargurado
À terra, que tambem triste gemia,
Ao mar qu'em vagas horridas bramava!
Mixta scena de dôr é neste mundo
De Christo o sahimento! —

II.

Já fa caminho novo
D. Silveira galopando,
Ventre em terra o seu corcel
Novamente esporeando.

Qual era o norte não sei
De tão fiel corredôr —
O Cavalleiro que o guiava
Levava no peito amor ! —

Deslisava-se em seu rosto
Um sorrir d'atra vingança —
Parecia dominado
Da maior desesperança.

Era D. Silveira o Vate ,
O amante de Beatriz
Tão malfadada em amores —
E nest'amor infeliz.

E neste galopar inda corria
D. Silveira Donzel — tão Cavalleiro
Quão Vate fôra nos seus dúlios cantos
Vibrados pelo amor , ou p'la saudade
Sentidos n'alma !

E corria e voava o corcel
Qual , nos ares com força vibrando ,
O sibillo de frécha potente ,
Que percorre , ferindo e matando.

Eis que pára , e não sabe a magia
De tão subito choque , — e o corcel —
Espumando , cançado , não póde
Por mais tempo suster-se fiel ,

O ginete vacilla açodado
Desta brida incessante e veloz—
D. Silveira, raivoso, de um salto
Se desmonta com gesto feroz.

Já baixavam sem brilho nas orlas
Do horizonte os raios do sol,
Já crepusc'lo da tarde brilhava
Em seu mago e sublime arrebol.—

E ao longe p'la brisa açoitado
Deslisava-se um veo côr de prata,
Preso á coma de um corpo gentil
Qu'extasia, revella, e arrebala.

D. Silveira no instante o divisa,
E não sei porque mago condão,
Se lhe paira nos labios um riso,
Um sorriso d'esp'rança e paixão!

Abandona o corcel, e apressado
S'encaminha, e voz d'alma lhe diz
Que é alli quem procura — que é ella —
A sua dama — a famada Beatriz!

Alguns instantes mais — e um rosto pallido,
Mudo e triste — sublime se pendia
Por sobre rijo arnez de rijo ferro —
Qu'immovel, orgulhoso acalentava

Lirio tão bello — decepado ha pouco
Por impia fouce d'afiado gume!
Tão rijo marmor recebia ufano —
De pet'las merencorias e mimosas
Mui dôce orvalho — nas sentidas lagrimas,
Da donzella gentil — nos sempre bellos —
Tristes, languidos olhos macerados!

III.

Dez annos se passaram
Novas delles não constou —
Uns negam — outros affirmam
Que o Donzel já se finou.

Que um Cavalleiro sem nome
De uma noite entre o negror —
Cruelmente o assassinára
Com ferreo braço e traidor! —

E a dama — seus dias
Tão cheios de dôr —
N'um claustro os rendera
P'ra sempre ao Senhor! —



À MINHA TERRA :

(NO MOMENTO DE AVISTA-LA DEPOIS DE UMA VIAGEM.)

DEDICAÇÃO

AO MEU COMPATRIOTA O ILLM.^o SR.

Joaquim Luiz Bastos.

De leite o mar — lá desponta
Entre as vagas sussurrando
A terra em que scismando
Vejo ao longe branquejar !
É baça e proeminente ,
Tem d'Africa o sol ardente ,
Que sobre a areia fervente
Vem-me a mente acalentar.

Debaixo do fogo intenso ,
Onde só brilha formosa ,
Sinto n'alma fervorosa
O desejo de a abraçar :
É minha terra querida ,
Toda d'alma , — toda — vida , —
Qu'entre gozos foi fruída
Sem temores , nem pesar.

Bem vinda sejas ó terra,
Minha terra primorosa,
Despe as galas — que vaidosa
Ante mim queres mostrar:
Mesmo simples tens fulgores,
Os teus montes tem primores,
Que ás vezes fallam de amores
A quem os sabe adorar!

Navega pois, meu madeiro
Nestas aguas d'esmeraldas,
Vae junto do monte ás faldas
Nessas praias a brilhar!
Vae mirar a natureza,
Da minha terra a belleza,
Que é singella, e sem fereza
Nesses plainos d'alem-mar!

De leite o mar, — eis desponha
Lá na extrema do horizonte,
Entre as vagas — alto monte
Da minha terra natal;
É pobre, — mas tão formosa
Em alcantis primorosa,
Quando brilha radiosa,
No mundo não tem igual!

A MINHA VIAGEM.

AO MEU AMIGO

Antonio Pereira da Costa Jubim.

Só tu, e o vasto mar.... e a saudade!...
GARRET.

No sonho febril da vida
Por amor fujo da terra,
Illusoria e fermentida,
Só cheia d'odios e guerra:
Busco as ondas buliçosas,
Amo o rugido do mar,
Eu amo o sopro do vento
No seu forte sibillar!

Corre, corre, e sem receio
Meu fraco, debil madeiro
Não temas do mar o seio
Que é o elemento primeiro.
Não ha hi fumos vaidosos
De continuo a pullular,
Não ha peitos refalsados
Para o oiro acalentar!

Fadou-me a sorte Poeta ,
Tenho abysmos em minh'alma ,
Coração tenho propheta ,
Que me induz á justa palma.
Já que a esperança na terra
Só mentiras faz soprar ,
Quero' escutar a verdade
No forte bramar do mar !

Na só do mundo a vida
De perfidias não travada ,
Busco segura guarida
Ao infeliz consagrada : —
É intima , pura , e unica ,
Que mais falla ao coração —
É o eculeo da existencia , —
É a amena solidão ! —

Da terra fallaz , vaidosa
Já não quero os seus segredos ,
Outra vida mais ditosa
Procurro nos mares quedos. —
Dos Ceus emmanados puros —
Magos sons quero escutar ,
É linguagem que não mente ,
É o rugido do mar ! —

Sibilla, contente, ó brisa,
Fresca brisa do meu norte,
Nesse chão que o barco pisa
Eu não temo a fêa morte.
Incha-lhe os pannos das vélas,
Ainda o seu navegar,
Oh! affasta-me da terra
Em que vivi a penar!

Corre, corre, e sem receio
Meu fraco, débil madeiro
Não temas do mar o seio
Que é o elemento primeiro.
Que t'importa a tempestade,
A rajada e o furacão,
Se na terra ha mais tormentas,
Mais perfidias e traição?! —

•
Temes acaso a procella
Na immensidão destes mares?
Vê como aquella estrella
Tem fulgôres singulares!
Como é branda e tão serena
Na sua luz a brilhar,
Como induz n'alma do crente
A seu Deos idolatrar!

Nestes mares o horizonte
É mais puro e matisado,
Que não sei como eu o conte
A quem não fôr desgraçado !
Não tem grimpas d'altas torres
Que vão-lhe o brilho roubar,
Tem vagas de um mar humilde
Que de perto o vae saudar !

Quem nunca deixou a terra
Para andar sobre estes mares,
Quem do coração faz guerra
À solidão nos azares,
Não póde achar encantos
Nestes céus, e neste mar,
Não tem vida dentro d'alma,
Não tem alma para amar ?

Quem as fadigas da vida
Não nas vem despir sósinho
Sobre as lóbregas torrentes,
No seu dóce murmurinho ; —
Não mitiga sobre as aguas
Do seu pranto o acre ardôr,
Não póde esquecer perfidias
Nascidas do desamor !

Quem sobre as ceruleas ondas
Não mira d'olhar bem fito ,
Não póde vêr como eu vêjo
A Imagem do Infinito !
Não gosa da formusura
D'aurora no desponlar .
Quando vem com meigo orvalho
Estes mares rociar !

No assomo da madrugada ,
Ou no findar do seu dia ,
Não póde em lyra doirada
Cantar a melancolia ;
Porque nos aquosos plainos
Tem o sol outro fulgôr ,
Inda mais bello e brilhante
De mais gallas e primôr !

E p'ra o coração singello
D'atro crime nunca heivado ,
Tambem tem o mar prazeres ,
Tambem é idolatrado ; —
Porque d'alma vac scismando ,
E sempre , sempre a pensar
Nos amigos que ficaram
Nessas terras d'álem-mar !

Mas eis que ao longe diviso
Entre as vagas susurrando,
Lá na extrema do horizonte,
Sobre o mar sereno e brando —
Os alcantis impinados
Da minha terra natal,
Qu'inda pobre, tem primores
E p'ra mim sem outra igual!

Corre, corre e sem receio
Meu fraco debil madeiro,
Não temas do mar o seio
Que é o elemento primeiro —
Não temas — qu'eis alli terra
Onde nasci — a brilhar —
Em suas aguas d'esmeraldas
Lança o ferro — a repousar!

O MEU CREDO:

A minha carinhosa Mãe.

Creio em Deus e em minha Mãe,
E na terra em que nasci —
Os amigos me fugiram —
Eu já d'amores descri.

No meu sonho desta vida ,
Outr'ora por mim tão qu'rida
Já perdi a illusão —
Tudo no mundo é vaidade —
Hypocrisia , falsidade ,
E n'amizade traição !

Debeis sons de minha lyra ;
De minha lyra tão nova ,
Canta a minha desventura ,
Em singella e triste trova.
Vistam gálas de tristura
D'atro fel d'amargura
Os meus canticos de dôr —
Que só creio em Deus pod'roso ,
E de Mãe o bondadoso —
Na terra unico amor !

Esses seios virginaes —
Esses labios de carmim —
Que tanto cantam os Poetas
Não nos quero para mim : —
Eu já nelles tive crença ,
Mas apóz atra sentença
Sobre mi.n impios lançaram ;
Fui amado e bem querido ,
Mas que amor tão fementido ,
Foi o amor que me juraram !

Louco ousei acreditar
Nesses olhos de condão,
Que ás vezes mudos fallam
Dentro d'alma e coração.
Amei! — mas qu'importou,
Se ella infida renegou,
Com prejuizo, com traição!
Creio em Deus, e em minha Mãe,
E na minha terra tambem —
Que de mim tem compaixão!

Riquezas? — Eu já as tive —
Nos meus tempos de outr'ora,
Hoje só a desventura
Incessante me namora.
Nunca contei inimigos,
Com ellas já tive amigos
Tão falsos como ellas são, —
Que sorriam á luz do oiro —
A só virtude e thesoiro
Deste mundo d'illusão!

Descrido assim no mundo,
Tenho só Deus — Mãe — e Patria —
Que mais quero nesta terra,
Onde a ventura é tão varia?
Heide pois cantar amores,
Que nunca digam rigores.

Que nunca digam traição! —
Creio em Deus e em minha Mãe, ,
E na minha terra também,
Que de mim tem compaixão!

A UNS OLHOS QUE EU VI:

Eu amo os olhos que fallam,
Que vibram no coração.
J. ABOIM.

Eram pretos — maviosos
Uns ternos olhos qu'eu vi,
Eram languidos — mimosos,
Que por elles eu morri!
Como nenhuns fulguravam,
E no seu brilho mostravam
Que docemente infiltravam
Os amores qu'eu senti!

Seu olhar enfeitiçava,
Com maga, doce expressão
Quem sobre elles fitava
Com meiga, terna paixão.
Na terra não vi iguaes,
Eram quaes lindos cristaes,
Com fulgores divinaes,
D'inspirada vibração!

Os olhos pardos amei,
Pelos azues já morri;
Mas por estes que fitei
Desde logo endoideci
Quem me déra ser senhor
Desses olhos de candôr,
Que amaria com fervôr
Esse rosto em quem os vi.

Porem, baldada esperança!
— Esses olhos não são meus;
Mostraram-me esquivaça,
Por ser contra as leis de Deus.
Já a outro dado haviam
O qu'elles ternos diziam,
O amor qu'elles sentiam,
Quaes eram os votos seus!



AOS ANOS DE MINHA MULHER.

Festeja-te o lyrio e a roza —
Dos jardins a mariposa —
Do Trovador a canção!
JOÃO DE LEMOS.

Minha lyra abandonada
Despresada
Torna de novo a afinar
Estes teus sons dissonantes
Mas constantes
Que sabem n'alma vibrar!

Quando partem inspirados
E votados
Pela voz do coração —
Esta voz sempre divina
Por qu'ensina
O d'amor mago condão!

Que condão — doce magia
N'este dia
Sinto em minh'alma infiltrar!
Neste dia só d'aquella
Que singela
Só me soube captivar —

A mim que já esquecido
E descrido
Neste mundo de traição —
Quando d'amores sonhava
Accordava
Maldizendo a illusão !

Mas essa descrença antiga
Veio amiga
Em pura crença a mudar —
Ora já creio em amores,
Seus favores
Já me fazem palpitár.

Pulsar bem dôce e fagueiro
Lisongeiro
Ora me vem embalar —
Adeus ó tempos d'outr'ora
Que n'est'hora
Quero, quero deslembrar !

Vistam galas — mil louvores
E mil flores —
Vinde ó Nymphas espalhar —
Este dia do céu brotado —
Desejado
Vinde ó musas decantar !

Ajudae meu verso rude
 Meu laúde
Neste cantico ajudae —
Do meu laúde sósinho
 Tão mesquinho
As cordas — dóce vibrae.

Mas eis que geladas
Ficaram calladas
As cordas vibradas
Pelo Trovador —
Que uma voz mais bella
Mais que de donzella —
Que dos céus era ella
Dos céus — o primór.

Dóce melodia
Cheia de magia
Cheia de alegria
Em trova cantou —
Em canto inspirado
Um dia dourado
Que sempre lembrado
Impresso ficou!

A trova perdi-a
E o que ella dizia
Em leda harmonia
Não posso expressar —

Que o canto nascido
De um anjo escolhido
Não me é permittido
Na terra cantar.

José Justiniano da Cruz Forte.

AOS ANNOS DE SUA ALTEZA

O PRINCEPE REAL

O SR. D. PEDRO DE ALCANTARA.

DEDICAÇÃO

Ao Exm.^o Sr. Adrião Accacio da Silveira Pinto.

Oh ! quão d'alma eu quizera o laúde
D'esse Bardo que o mundo extasiou ,
Nesses cantos que junto ao Mondego
Inspirado na lyra vibrou ,
Ousado eu cantára
Com dóce fragôr
Do dia o primôr
Tão cheio d'amor
Qu'em nós fulgurou : —

Dos annos ditosos,
Excelsos, mimosos —
Que a mim tão bondosos
Um canto inspirou!
Mas pobre na lyra
Sem maga harmonia
Que tanto extasia —
Que tanto delira,
Que posso cantar?
Sons d'alma nascidos? —
Ahi vão mas que!....
Gelou-se-me a lyra —
As cordas quebraram —
E os sons que ficaram
Em accento qu'inspira
Repetem expirando ...
Só Carta e Monarcha —
Ao Principe amor!....



NO ALBUM

DA EXCELLENTÍSSIMA SENHORA

D. M. P. de Cravella.

JÁ NÃO TENHO FÉ!

Joven e louco neste mundo —
Já gozei das illusões —
Já roubei de uns olhos negros
Meigas, ternas vibrações! —

D'olhos pardos viva crença
Em meu peito s'infiltrou —
Dos azues o mago olhar
Louco e crente me tornou!

Rubros labios de magia
Com sorrisos só do céu —
Me disseram cousas d'anjos —
Que dos anjos aprendeu! —

E depois que as azas brancas
Este anjo desprendeu —
Descri — descri do mundo —
Reneguei da terra e céu! —

E se ousado alguém na terra
Me disser qu'isto não é —
Mesmo em risco a própria vida
Bradarei — *Não tenho fé!* —

HYMNO

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

Adrião Accacio da Silveira Pinto.

Nobre Accacio eis um hymno de gloria
Em noss'alma do imo a vibrar,
Em noss'alma, qu'è tua d'ha muito,
Porque nella sempre has de reinar!

Gloria a ti que nos reges bondoso
Nestes plainos do ardente torrão,
Onde a esp'rança já morta renasce,
Arvorando o seu nobre pendão!

Lá ouvimos do Douro famoso
O teu nome tão alto a soar: —
Os teus feitos não mentem — só dizem
Que o teu brilho nunca hade murchar!

Gloria a ti que nos reges etc.

Tua estrella tão maga e tão pura,
Lá na extrema dos céus a brilhar,
Só fadou-te na vida que levas
Altos brios tão d'alma e sem par!

Gloria a ti que nos reges etc.

Nobre Accacio és fadado! — a tua fronte
É de um Luso que sabe inspirar, —
Que do mundo essas furias da vida
A seus pés só costuma rojar!

Gloria a ti que nos reges etc.

Sempre foste — porque o és — e p'ra sempre
O guerreiro que soube jurar!
Tua divisa é só uma — DEUS — PATRIA —
E RAINHA na Patria a reinar!

Gloria a ti que nos reges etc.

E agora que n'Africa reges
Com teus mandos — teus mandos sem par —
Ouve um hymno em nossa alma brotado,
E que d'alma soubeste infiltrar!

Gloria a ti que nos reges etc.

Mesmo rudes — sem plectrô sonôro —
Um só hymno te vamos sagrar —
São d'amor e respeito — o tributo —
Ouve e attende o que vamos cantar :

Gloria a ti que nos reges bondoso
Nestes plainos do ardente torrão ,
Onde a esperança já morta renasce ,
Arvorando o seu nobre pendão !



UM PENSAMENTO :

TRIBUTO D'AMIZADE E GRATIDÃO

AO ILLM.^o SR.

Francisco Joaquim da Costa e Silva.

Tout mortel se soulage à parler de ses meaux !
ANDRÉ CHÉNIER.

Em horas bem tardas de noite tremenda
Tão triste e sósinho me puz a pensar —
Tudo era silencio — e a terra dormia
Nos sonhos que os homens não pôdem senhar !

E eu triste, e eu só — velando no mundo
Mil torvas imagens me vinham lembrar
Meus sonhos doirados qu'eu tive passados,
E que hoje accordado não posso sonhar!

Às vezes me cria nos dias da infancia
Em ledos folgueiros risonho a brincar: —
Ou quando nas horas de um somno fagueiro
Um berço d'amores me vinha embalar!

Às vezes pensava — saudoso me lembro —
Dos tempos ditosos qu'eu tive sem par,
No giro da vida que n'alma se sente
D'amor esse brado no peito a vibrar!

D'amor? — Oh! que sim — qu'eu já tive na terra
De virgem mui santa o mais santo candor —
Eu cria em seu rosto — e su'alma tão minha —
D'amor inspirada fadou-me cantôr!

Cantôr? — Tambem sim — porque tive uma lyra
De cordas doiradas que um anjo me deu,
Por elle afinada, e qu'em trovas singellas —
Cantava na terra o meu anjo do céu!

Do céu? — Porque não! — Se a terra não tem
Quem tantas virtudes podesse conter —
Seus olhos tão meigos diziam candura
Qu'eu nunca julguei neste mundo sorver!

E o amor que na lyra tão d'alma cantava
No pó do sepulchro p'ra sempre morreu !
Morreu para mim — morreu para o mundo ,
Que um anjo não morre voando p'ra o céu !

E a lyra doirada de tanta harmonia
Seu brilho murehou — e seu canto sumiu
Nas sombras tão negras da vida que levo —
Nas dôres que d'alma meu peito sentiu !

Assim pois não tenho lyra
Qu'em suas cordas desfira
Mago accento que delira
No imo do coração —
Porque vivo gemebundo
Soltando um ai profundo
Que me faz descer do mundo
Nesta triste solidão ?

« Ó minha lyra doirada
« Quem te fez tão malfadada —
• « Rouca , triste , e destemp'rada
« Porque não queres vibrar ? —
« Chora embora a desventura ,
« Mas crê qu'inda a ventura ,
« Na tua sina futura
« Hade de novo voltar ! »

« Não queiras assim teimosa
« Esquecer a luz saudosa
« Da strella que ora nublosa
« Já te não póde inspirar !
« Afina , de novo , ó lyra ,
« Canta , canta , ó sim suspira ,
« Entre nuvens de saphira
« Em delirante trovar ! »

E a minha lyra chorosa
Cada vez mais desditosa
De sua alma luctuosa
Mui frôxa nota soltou —
E já quasi moribunda ,
E nesse pranto qu'innunda ,
Quando ha dôr n'alma — profunda —
Expirando assim vibrou : —

« Sonhei no mundo venturas
« Venturas não encontrei —
« Pedi á terra amizade --
« Amizade eu não achei ! »

E triste e pungida
A lyra estalou —
Suas cordas quebraram —
Seu canto findou —
E minh'alma afflicta
Sua morte chorou !

A SUA Magestade EL-REI

O SENHOR D. FERNANDO II.

29 de Outubro de 1850.

Bergue ó Bardo a tua voz, mesmo rude,
Fivra á lyra os seus vôos d'amor,
Pégia fronte descanta em teu plectro
Mstro e lyra inspirae teu cantor !
—guaes sons aos dos Vates qu'inspiram
Desferidos com mago primór
Façam échos que o mundo repita —
Este dia é p'ra nós de fulgór !
Rei FERNANDO os teus louros virentes
Zunca pódem na terra murchar,
A virtude em tua alma é mui nobre,
Zascem d'alma os teus dotes sem par,
Tignos cantos mereces dos Lusos,
Ouve, ó Rei, o meu pobre cantar :

No dia de hoje, raiando n'aurora,
Eu tive um desejo p'ra mim sem igual
Eu quiz uma lyra que fosse doirada
Par'eu d'annos regios cantar um natal.

Oh! sim, que me lembro quem hoje na Lysia
Incenso só d'alma lhe vão consagrar —
É nobre a sua frente — é nobre a sua alma —
E eu pobre do mundo que posso ofertar?

Mas lá onde habitas, tens c'róas de loiros,
Que alembra de um Rei as mil tradições —
O Rei — és tu só, que em magas virtudes,
Gravaste n'um povo mil nobres pendões!

Se o Sado não clama o seu brado — Victoria! —
A paz — e a esperança que fazes brilhar,
Tambem tem mil nobres padrões nessa historia,
Que ao mundo ha de um dia mui alto soar!

Nas plagas ardentes da terra em que vivo,
No solo fervente do adusto torrão,
Nem lyras, nem Bardos não ha que descantem —
Eu mando os desejos do meu coração!

Offerta bem pobre — mas d'alma tão viva
Que as furias da terra não pódem crestar —
As flôres só murcham — os cantos s'extinguem
Mas échos do peito não pódem murchar!



NO ALBUM

DO MEU AMIGO

A. P. da Costa Jubim.

Ah! si ma faible voix pouvait chanter!..
DELILLE.

Se eu fôra qual Cicero fôrte clamára
Se qual Fénêlon ao mundo escrevêra,
Se eu fôra grão écho a todos vibrára,
Se Vate sublime na lyra tangêra: —

Como troantes vibram em minha alma
Dos accordos de uma harpa sonora
Inda, seus magos sons, seus dólitos cantos!
Oh! quão meigos e suaves são teus carmes,
Quer endeixas d'amor só modulando,
Quer á saudosa Pátria, aos Paes queridos,
D'amor sentida lagrima enviando!
Ou, como quando alado Homero finges
No rouxinol fagueiro, que prateia,
Ou que sorri ditoso em léda vida!
Ou tambem, como quando ao desgraçado,
Carpindo acerba dôr — seus males cantas,
Mitigando com balsamo suave
Que lhe embebes no adyto do peito
De tanta desventura já chagado!

Tudo — tudo em ti é harmonia !
Em ti fadou o Archanjo da Poesia
Seus dedos de carmim , suas azas d'oiro ,
Inspirou-te hardimento e melodia ,
Consagra-lhe o teus cantos e prosegue
No espinhoso caminho que trilhaste.
Seja a tua divisa Deus — e Pátria !
Mas , se forçados sons , com vil lisonja ,
E em tróco d'oiro vil , na lyra tua ,
Queimando incensos pôdres decantares ,
Quebrando a lyra , deixa de ser Vate !

E já que não sou affamado Poeta ,
Nem Cic'ro , nem écho , nem grande escriptor ,
Recebe sómente a dôce amizade ,
Que pura t'a offerta mesquinho cantor.



A SUA Magestade FIDELÍSSIMA
A SENHORA D. MARIA II.

DEDICAÇÃO.

4 de Abril de 1850.

Se eu fôra o Bardo — esse cantor de Thebas,
Com voz canora a lyra eu só tangêra —
D'Africa, embora em terra miseranda
Dôces hymnos de gloria eu só fizera!

E se ás nuvens roçar não posso a aza
Tão branca — branca desse Vate ingente,
Do peito um canto rebentado n'alma
Vibrar eu quero á quem á lusa gente,
O nome de — RAINHA — *é grato ao peito!*

E a par do canto tão mesquinho e rude
Que ousei vibrar na pobre lyra minha,
Grinalda mui mimosa em viço e côres
Tecer me cabe!

Mas que? — se rosaes de flôres mimosas
Não tem esta terra na terra a sorrir —
Só goivos pendidos chorando saudades
Me alembra um rosal que eu só vi a florir!

Não importa — que o peito de um Vate mesquinho
Tambem nelle brota do lyrio a candura,
Regada por cantos sumidos no peito
Echoando na terra de su'alma a fé pura !

E pois esta flôr colhida em silencio
Qu'em c'rôa mimosa só posso offertar,
Embora as demais o rigor as desfolhe, —
O rigor do meu sol na terra a queimar !

Seja emfim só o meu canto
« Amor — respeito — e gratidão » —
Que é singello e tem encanto ;
Porque falla o coração —
Porque nelle existe um brado
Puro — puro — e bemfadado —
Que traz sempre recordado
Da gente lusa o — Brasão ! —

A UM MENINO:

DEDICAÇÃO

Ao Illm.º Sr. Dr. Joaquim Cordeiro Feio.

Gentil infante — és tão bello
Que nos labios mago anhélo

Constantemente sorris!
Tua face mimosa inspira
Ao Trovador que na Lyra,
Na Lyra cantar-te quiz!

Nos olhos teu brilho é tanto
Que é magia, e doce encanto
Teu celeste e meigo olhar!
És a flôr em viço e côres —
Que mais me falla em amôres —
Que mais me soube inspirar!

És d'alva a estrella fulgente
Que n'aurora da vida ingente
Mais no mundo eu vi brilhar!
És o écho da montanha
Qu'em tufão de dura sanha
Vem á terra retumbar!

És sopro de doce brisa
Quando no albor se desliza
Na madrugada a raiar, —
Que mansamente correndo
Vai na folhagem batendo
Com seu forte ciclar! —

És a esperança da vida,
Sem procella desabrida,

E em flôr a desabrochar !
És o suspiro que falla
No coração em que estala
A corda do desamar !

És do crente a forte crença —
De todo o peito que pensa
No porvir da nossa CRUZ !
És a imagem mais cabida
Dessa pureza só tida —
Só tida por Deus — JESUS ! —

És condão de Fada pura ,
E de teus Paes a ventura
Só neste mundo a brilhar ! —
E inspiração delirante
Do Laúde dissonante
Em que costuma a vibrar !



NO ALBUM

DA EXCELLENTÍSSIMA SENHORA

D. Maria Paula da Gama Teixeira.

.... Mais fuis d'un monde étroit l'impure turbulence ; —
Là — rampent les ingrats — là règnent les méchants !
VICTOR HUGO.

Canto pobre e sem magia
Qu'extasia,
Quero d'alma e com fragôr —
Só tanger na minha lyra
Porque a inspira
A voz santa do Senhor !

Se sob este firmamento
Teu alento
Peste insana quer fanar —
Tens n'aurora d'hoje o dia,
De valia,
Que soubeste recordar !

Porque és a vaga que geme
E só freme —
Frisando em rude areal —
És a flôr de brilho tanto
Que és encanto
Do teu lindo Portugal !

Es a estrella só vagando ,
 Descórando
Em negro e estranho céu —
Es qual perola , ou saphyra ,
 Que respira
O condão que Deus te deu !

Es murmurio em fonte pura —
 Es ventura
Dos que lêem no coração —
Es só desses viva crença —
 Lucta immensa
Dos rostos de maldição !

E quer vaga , estrella ou flôr
 Teu candôr
Nunca póde emmurchecer —
Só labios impuros dizem —
 E maldizem
Com satânico poder !

Não pódem — que turba louca
 De voz rouca
Vae sumir-se no trovão
Do clamôr da humanidade
 Que a impiedade
Lhe estampou a maldição !

Que o dizer de condemnados

Já julgados —

Só merece a compaixão :

Que d'alma sorrir ao crime

Só exprime

Da blasphemia a só missão !

Tambem Christo nobre e forte

Crua sorte

Sobre negra cruz gemeu —

E a um grito furibundo

Deste mundo

Turba insana o escarneceu !

Mas como elle — brilho novo

N'outro povo

Terás sempre a fulgurar —

Que em deserto — e terra ardente

Impia gente

Não te póde idolatrar !

Ouve pois — estrella — ou flôr —

Com fervôr

O meu rude decantar —

É mui d'alma e mui singello —

Pobre anhélo

Da minha lyra a vibrar !

Grê no amparo do consorte
Qu'impia sorte
Não te póde deslustrar !
Nelle tens a crença e amor —
E eu cantôr
Para nunca te olvidar !

FIM.

INDICE.

	<i>Pag.</i>
Dedicação ao Exm. ^o Sr. Adrião Accacio da Silveira Pinto.	9
A minha terra.	12
Revelação de um sonho.	20
Amo o silencio da noite.	24
Uma noite de Natal.	27
No album da Exm. ^a Sr. ^a D. C. A. C..	30
A uma creancinha.	31
Uma recordação.	33
A Ella.	35
A saudade.	40
A minha Estrella.	42
Era um Anjo.	44
A uma menina.	46
Ella a sorrir,	50
O seu retrato.	52
Eu ouvi.	54
A queima de um bosque.	56
Recordação.	57
Porque podes duvidar?	61
Improviso.	62
Carlinda.	63
Em que estás tu a pensar?	65
O Batel.	67

	<i>Pag.</i>
Ao meu Cunhado e amigo J. J. da Cruz	
Forte.....	69
Sinto!	70
Bellesa sem amor.....	72
Os teus olhos.....	73
A uma joven.....	74
À Exm. ^a Sr. ^a D. M. J. Peixoto.....	75
Um pedido.....	76
N'um album.....	77
Para que me recordas.....	78
O meu ramo.....	80
Benguellinha.....	82
No album do Hlm. ^o Sr. J. J. Vieira de	
Carvalho.....	84
Tenho fé.....	85
A minha flôr.....	86
O canto do nauta.....	89
Ainda a ella.....	93
D. Beatriz.....	95
À minha terra.....	101
A minha viagem.....	103
O meu Crédo.....	108
A uns olhos que eu vi.....	111
Aos annos de minha mulher.....	113
Aos annos de Sua Alteza o Principe Real	
o Sr. D. PEDRO DE ALCANTARA. — De-	
dicação ao Exm. ^o Sr. Adrião Accacio	
da Silveira Pinto.....	115

	<i>Pag.</i>
No album da Exm. ^a Sr. ^a D. M. P. de Cravella — Já não tenho fé.	118
Hymno, ao Exm. ^o Sr. Adrião Accacio da Silveira Pinto.	119
Um pensamento! — Tributo de amizade e gratidão ao Illm. ^o Sr. Francisco Joaquim da Costa e Silva.	121
▲ Sua Magestade ElRei o Sr. D. FERNANDO II.	125
No Album do meu amigo A. P. da Costa Jubim.	127
▲ Sua Magestade Fidelissima a Sr. ^a D. MARIA II. — Dedicção.	129
▲ um menino. — Dedicção ao Illm. ^o Sr. Dr. Joaquim Cordcero Feio.	130
No album da Exm. ^a Sr. ^a D. Maria Paula da Gama Teixeira.	133

ERRATAS.

<i>Pag.</i>	<i>lin.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
10	10	Qu'inda mais fôra,	Qu'inda mais rica fôra,
11	12	qu'escrevestes	qu'escreveste
17	16	afanoso	ufanoso
66	22	Revelar-me etc.	Revelou-me etc.
89	9	Qual resplandecente	Qual resplandente
96	1	Curto	Custo

75	17	J. S.	Não deve lêr-se.
----	----	-------	------------------



3 5556 035 427491



